

HISTÓRIA E MEMÓRIA DE PORTO ALEGRE - BAIRRO JARDIM LINDÓIA

HISTORY AND MEMORY OF PORTO ALEGRE - JARDIM LINDÓIA DISTRICT

Márcia Regina Bertotto¹
Gisela Hauberth de Lima²

RESUMO

Este artigo tem o objetivo de examinar como se deu a implantação do Bairro Jardim Lindóia, situado na zona Norte de Porto Alegre/RS, desde o seu surgimento no início da década de 1950 até em torno de 1975. Baseado em pesquisa para realização do Trabalho de Conclusão de Curso de Museologia na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 2019. Analisa como era a região no passado recente, sua transformação, as mudanças ocorridas e que continuam ocorrendo no bairro com a substituição de suas antigas moradias pelos edifícios e casas comerciais e qual o impacto desta verticalização para seus moradores. Ressalta que apesar de muitas mudanças terem ocorrido na tipologia e nos hábitos do bairro e vários daqueles primeiros moradores já terem se afastado do convívio dos vizinhos antigos, ainda levam na memória a lembrança dos anos iniciais do ambiente e sua convivência no lugar. Conclui que os bairros tendem a se transformar na medida em que crescem e os hábitos e as relações de vizinhança a se alterar se não houver fortalecimento daquele vínculo afetivo e de pertencimento entre seus habitantes com o lugar.

Palavras-chave: Lugar. Bairro. Memórias. Memória Coletiva. Jardim Lindóia/Porto Alegre/RS

ABSTRACT

This paper aims to investigate how the neighborhood Jardim Lindóia located in the northern area of Porto Alegre, Rio Grande do Sul, was implanted from its inception in the early 1950's until around 1975. Based on research to complete the Museology Course Conclusion Work at the Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação at the Universidade Federal do Rio Grande do Sul, in 2019. It also analyzes how was the region in the recent past, its transformation, the changes that have taken place and continue to occur in the neighborhood with the replacement of its former homes by buildings and commercial houses and what impact this vertical integration has on its older residents. Although many changes have occurred in the typology and habits of the neighborhood and several of those early residents have already

1 Museóloga, Licenciada e Bacharel em História, Mestre em Ciências Sociais, Doutora em Museologia. Professora Adjunta do Curso de Museologia e do Programa de pós-graduação em Museologia e Patrimônio do Departamento de Ciências da Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS.

2 Arquiteta e Museóloga.

moved away, they still remember the memory of early years of the environment and their living in the place. It concludes that the neighborhoods tend to change as they grow and neighborhood habits and relationship change if there is no strengthening of that affective and belonging bond between its inhabitants and the place.

Keywords: Place. Neighborhood. Memoirs. Collective Memory. Jardim Lindóia/Porto Alegre/RS

INTRODUÇÃO

Jardim Lindóia é o nome de um bairro de Porto Alegre. Surgiu por volta de 1950, quando a capital se expandia para a zona Norte, com a implantação de algumas indústrias naquela região distante do centro.

Arno Friedrich³, corretor e empreendedor, prevendo tendências desta expansão, adquiriu uma chácara de quase 76,8 hectares, que na época era uma área onde só havia árvores e um tambo⁴ de leite. O intuito do empreendedor era lotear e construir um bairro residencial que deveria contar com terrenos e infraestrutura. Alguns anos após sua implementação, a união dos poucos moradores, que no início por lá foram morar, fez com que outros melhoramentos urbanos, como iluminação pública e transporte coletivo, chegassem ao local e o transformassem num dos pujantes bairros da região.

Descampado, horizonte infinito, uma casa aqui outra ali, grandes figueiras, vertentes, cavalos e zebus⁵ passeando soltos entre as residências, bugres⁶ e ciganos, mato de “pitangueiras” e “maricás” e cercas de arame farpado, onde as ruas terminavam, demarcando os limites do bairro. Assim era o ambiente original.

Nos meados da década de 1970, o bairro pequeno - que era formado exclusivamente de moradias unifamiliares térreas e de dois ou três sobrados, quando se sabia o nome de todas as ruas e se conhecia todos os moradores - começou a sofrer modificações em suas características arquitetônicas e em seus valores ambientais, devido a crescente renovação, às demolições e às novas construções, típicas do desenvolvimento urbano.

O artigo se propõe a apresentar a implantação e formação deste bairro - Jardim Lindóia - na década de 1950 até em torno de 1975 (ano, aproximado, em que começam as obras viárias para ligação da Avenida Panamericana com a Avenida Sertório), bem como apresentar seu loteamento inicial, a partir de memórias de alguns de seus primeiros moradores.

3 Arno Luiz Friedrich: (*Venâncio Aires, 1913/+ Porto Alegre, 1976)

4 Tambo: estábulo para a ordenha de vacas. <http://www.aulete.com.br/tambo>

5 Zebus: nome vulgar do *Bos indicus*, gado bovino, originário da Índia, que se diferencia dos bovinos europeus, principalmente pela presença de uma corcova sobre o dorso.

6 Bugres, termo pejorativo usado para designar indivíduos nativos com traços físicos específicos.

Exemplos de pesquisas sobre bairros podem ser apontados nos trabalhos acadêmicos de Miranda (2013) e Teixeira (2017) que abordaram a expansão urbana e espacial da cidade de Porto Alegre. A pesquisa que deu origem a este artigo, foi fruto de Trabalho de Conclusão de Curso do Bacharelado em Museologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul⁷. Desta forma, demonstra-se o crescimento e desenvolvimento de uma parte da zona Norte a partir da Avenida Assis Brasil onde se deu a implantação de muitas indústrias naquela que era uma área afastada da cidade, no momento de sua criação.

1 SURGIMENTO DA ZONA NORTE

No final do século XIX, com o início da industrialização, Porto Alegre amplia-se em direção aos arrabaldes partindo do centro da península tanto para o Sul como para o Norte. Para o Sul, o caminho das Estâncias: a Estrada do Mato Grosso (Avenida Bento Gonçalves) e o Caminho do Meio (atuais Avenida Osvaldo Aranha e Avenida Protásio Alves), que levavam para Viamão⁸; e o Caminho dos Moinhos de Vento, que se bifurcava e dirigia para a Aldeia dos Anjos (atualmente Gravataí⁹) e também para Viamão. Para o Norte, com o loteamento dos Navegantes, junto a um dos caminhos que levava para fora da cidade: o antigo Caminho Novo, hoje Rua Voluntários da Pátria, onde também se instalavam as primeiras fábricas.

Anteriormente, das vias que levavam ao Norte do município, havia uma conhecida como “Estrada do Passo da Areia” que conectava a cidade ao atual município de Gravataí e, conseqüentemente, levava ao litoral Norte e à Santa Catarina. Em 1929, na administração do prefeito Alberto Bins (1928-1937), inicia-se a pavimentação e a inclusão desta via na malha urbana de Porto Alegre, pois a capital, devido ao crescimento industrial do 4º Distrito¹⁰, apresentava incremento econômico expressivo. A expansão da capital para a região Norte, acompanhando a industrialização dos municípios de Gravataí, Canoas¹¹ e Viamão liga-se também aos processos socioeconômicos que vinham ocorrendo.

No entanto, ainda que o crescimento do segundo núcleo industrial

7 Acesso ao TCC completo: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/212453/001116217.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

8 Para maiores informações: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Viamão>

9 Consultar mais informações em: <https://www.cidade-brasil.com.br/municipio-gravatai.html>

10 É chamado atualmente de 4º Distrito a região que engloba os bairros porto-alegrenses Floresta, São Geraldo, Navegantes, Farrapos e Humaitá.

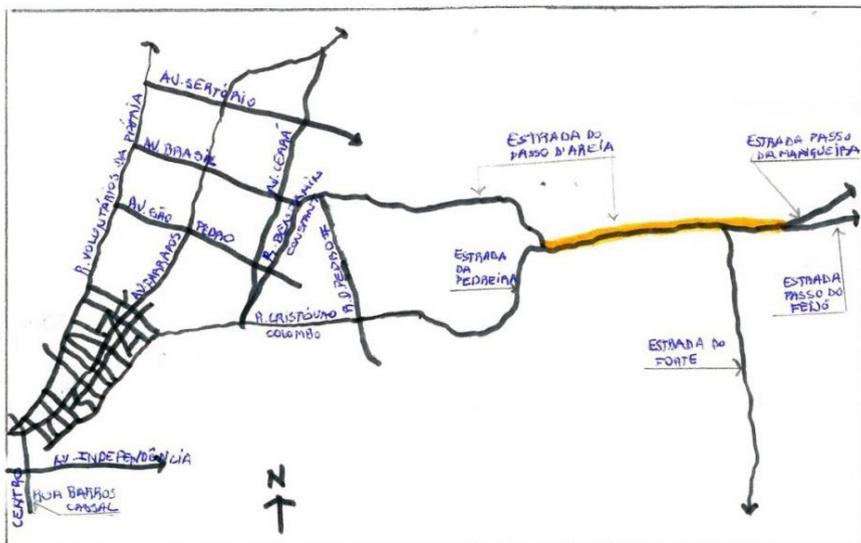
11 Para saber mais detalhes: <https://www.canoas.rs.gov.br/servicos/informacoes-tur>

de Porto Alegre tenha seu início muitas vezes associado à enchente de 1941, que inundou o centro e a área industrial da cidade, sabe-se que o movimento em direção à região Norte já vinha sendo arquitetado por empresas loteadoras, assim como pelo poder público e, só posteriormente, pelos industriários. Devido ao grande aumento populacional que se tem registro naqueles anos, rápidas atitudes no planejamento das zonas residenciais em expansão foram exigidas dos administradores.

Estava sendo implantado na época, um segundo plano urbanístico para guiar o crescimento de Porto Alegre, o Plano de Urbanização de 1940, projeto de Edvaldo Pereira Paiva¹², na administração de Loureiro da Silva. Neste plano são notáveis as modificações viárias em direção à atual Avenida Assis Brasil.

Além disso, outras obras viárias criaram conexões da Avenida Assis Brasil com os demais eixos importantes, a Estrada do Forte, a Rua (atual Avenida) Cristóvão Colombo e a Avenida Brasil que ligam respectivamente à Avenida Protásio Alves, ao centro da cidade e à Avenida Farrapos, conforme identifica-se na Imagem 1, em um croqui desenvolvido por Hack sobre planta de 1942.

Imagem 1 - Croqui das vias de conexões iniciais de Porto Alegre



Fonte: Croqui de Hack (apud FERNANDES, 2014, p.104) adaptado por Gisela H. Lima

¹² Professor universitário e urbanista que apoiou a elaboração de planos diretores e estudos para diversas cidades do país.

Durante a administração de Ildo Meneguetti (1948-1951), em 4 de agosto de 1948, foi criada a Avenida Assis Brasil, conforme apresenta o art. 1º da Lei 92¹³:

Art. 1º - A via pública que tem início na Avenida Brasil e se prolonga até o término da Avenida Aimoré, nos bairros de São João e Passo da Areia, que inclui parte da rua Benjamim Constant, Estrada do Passo da Areia até a embocadura da Avenida Aimoré, e esta última Avenida em toda a sua extensão, passa a denominar-se Avenida Assis Brasil. (PORTO ALEGRE, 1948, documento eletrônico).

Com a instalação de indústrias e a formação de loteamentos no entorno, era visível o desenvolvimento da Avenida Assis Brasil e da zona Norte na capital, como identifica-se na Imagem 2.

Imagem 2 - Av. Assis Brasil (1959) - Sentido Centro-Bairro



Fonte: PORTO ALEGRE ANTIGO, documento eletrônico¹⁴

13 PORTO ALEGRE. Lei 92 de 04/08/1948. Disponível em <https://leismunicipais.com.br/a1/rs/p/porto-alegre/lei-ordinaria/1948/9/92/lei-ordinaria-n-92-1948-da-denominacao-a-vias-publicas>. Acesso: 12 abr. 2019.

14 PORTO ALEGRE ANTIGO (BLOG). [Fotografia da Av. Assis Brasil – 1959]. 2013. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/fotosantigasrs/11012679385/> Acesso: 20 set 2018.

Desde então a avenida mantém o mesmo nome e segue sendo importante via de ligação aos municípios de Cachoeirinha¹⁵, Gravataí, Alvorada¹⁶ e Viamão, além de ser a principal via de acesso para chegar e sair da capital no eixo Norte da cidade.

1.1 Loteamentos e Indústrias

A expansão dos bairros para a zona Norte de Porto Alegre nas proximidades da Avenida Assis Brasil se deu devido às ações dos governos municipais em relação à questão sobre políticas públicas. De acordo com Teixeira (2017), as administrações de Otávio Rocha (1924-1928), Alberto Bins (1928-1937) e Loureiro da Silva (1937-1943) foram marcadas por políticas públicas que auxiliavam as companhias loteadoras no processo de urbanização do município. Essa influência acontecia, pois parte dos acionistas destas empresas, ocupavam cargos na administração pública.

Desde a década 1930 alguns loteamentos foram criados naquela região sendo o primeiro, o da Vila Cristo Redentor, localizada na então Estrada do Passo D'Areia. Outros loteamentos vieram: Loteamento Vila Passo D'Areia 1 (1938), da Empresa Territorial Santana; a Vila Passo d'Areia (1947), da Empresa Territorial Suburbana Ltda., que contava com área para implantação de uma escola e praça de esportes. Ainda em 1947, foi construída a Fábrica Zivi Hércules, que produzia talheres de aço inoxidável (prédio recentemente demolido). Em 1948, instalava-se a Indústria de Carrocerias Eliziário, que obteve projeção nacional produzindo carrocerias de ônibus.

Na década de 1940, aquela região toma uma configuração industrial, com a instalação das empresas Wallig e Renner e um pouco mais tarde, já no início da década de 1950, a Mattarazzo. Junto a isto, começam as obras de alargamento da Avenida Assis Brasil. O crescimento econômico da cidade se reflete na zona Norte, que começa a receber moradores não só de outras localidades da cidade, bem como do interior do Estado.

De acordo com Miranda (2013), entre estes muitos outros loteamentos que surgiram, destaca-se o Projeto da Vila Operária das Indústrias Renner, do industriário A.J. Renner, que pretendia instalar uma Fábrica de Louças e outra de Artefatos de Cimento, com familiares detentores de fábricas destes segmentos na região. Além de ressaltar que ali já havia também, desde 1945, a Fábrica de Tintas Renner Hermann.

Conforme Teixeira (2017), dentre outras indústrias que se instala-

15 Para mais informações sobre este município: <https://cachoeirinha.atende.net/#>

16 Mais detalhes sobre o município em: <https://www.alvorada.rs.gov.br/>

ram na região enumera-se a Zivi Hércules; a Cirei S.A., que montava veículos e produzia máquinas, motores elétricos e pianos; a Wallig S.A. (1904), que produzia fogões, e onde, atualmente, se situa um Shopping Center; a Micheletto S.A. produzindo parafusos e prendedores; a Reunidas/Brixner que comercializava e produzia móveis; e a Metalúrgica Febernati, que produzia latas de querosene.

A Avenida Assis Brasil se tornaria a principal via da zona norte com acesso a vários bairros, que ao longo dela e ao redor das indústrias ali instaladas, se formaram.

1.2 O Loteamento Jardim Lindóia

Em meados de 1950, juntamente com todo o desenvolvimento urbano e industrial, surgiu mais um loteamento na zona Norte, o bairro Jardim Lindóia, que fica distante 12 quilômetros do centro de Porto Alegre, com população de 7.420 habitantes, conforme dados do Censo IBGE (2010). No traçado atual faz divisa com os bairros Jardim Floresta, Cristo Redentor e Parque São Sebastião e abrange o trecho entre as Avenidas Assis Brasil e Sertório.

Consciente do potencial daquela região, em 12/09/1950, o então corretor de imóveis, Arno Friedrich, adquiriu de Olavo Furtado de Oliveira uma área de 76,8 hectares de terra, localizados no lado esquerdo da Avenida Assis Brasil na direção Norte, para fazer um loteamento visando a implantação de um bairro residencial.

Santos (2006) argumenta que: “O fenômeno humano é dinâmico e uma das formas de revelação desse dinamismo está, exatamente, na transformação qualitativa e quantitativa do espaço habitado.” (p.223). E a ocupação a partir dos loteamentos comprova esta argumentação.

O traçado inicial do bairro contava com doze ruas, aproximadamente, conforme apresentado na Imagem 3.

Imagem 3 - Destaque do Bairro Jardim Lindóia inicial (em amarelo)



Fonte: Google Maps/adaptação de Carlos Rema, 2019

A denominação do bairro foi escolhida por Arno Friedrich e sua esposa, inspirados em uma localidade que haviam conhecido em viagem a Águas de Lindóia, em São Paulo. Segundo a lenda, Lindóia era o nome de uma índia guerreira, história relatada pelo escritor Basílio da Gama em um dos seus mais conhecidos poemas: “A morte de Lindóia”. Suas ruas, com nomes de cidades latino-americanas, foram nomeadas por Walter Spalding¹⁷, tio da esposa de Arno Friedrich.

Em 1951, iniciou-se a comercialização dos lotes. A venda foi rápida devido às facilidades de crédito oferecidas pelo empreendimento e pelas empresas que estavam se implantando naquela região, para seus funcionários. No entanto, os critérios de ocupação para construção no loteamento eram rígidos: só poderiam ser construídas casas de alvenaria e nenhum outro tipo de empreendimento, como indústria e comércio, que viesse a desconfigurar o ambiente residencial proposto no projeto inicial. Eram prioridades de investimento: calçamento, praças e arborização, mas no início não havia iluminação pública, nem transporte coletivo. A estrutura configurava-se por um traçado urbano regular implantado a partir de seu loteamento inicial. O uso, predominantemente residencial, foi constituído por edificações térreas ou com dois pavimentos, com recuo de jardim e lateral. Na década de 1960, já

17 Walter Spalding (*Arroio dos Ratos, 28/10/1901/+ Porto Alegre, 05/07/1976) – Historiador, jornalista e escritor brasileiro. Pesquisador considerado referência para a história de Porto Alegre.

era visível o desenvolvimento do bairro Jardim Lindóia.

A Avenida denominada Panamericana iniciava-se logo após o número 3.500 da Avenida Assis Brasil, no sentido Centro-Bairro, em uma região de terrenos livres. Cerca de 500 metros, perpendicular à Avenida Assis Brasil, chegava-se na Praça Libaneza, que dava as boas vindas a quem entrasse no bairro, um lugar simpático e introspectivo.

O bairro era introspectivo, porque se fechava em si mesmo, apesar de suas doze ruas iniciais, que possuíam denominações de cidades latino-americanas. Avenida Panamericana, Praça Libaneza, Avenida La Paz, Mexicale¹⁸, Caracas, Antilhas, Montreal, Quito, Porto Príncipe, Tegucigalpa, Trinidad e Praça Coronel Francelino Cordeiro¹⁹. Que lugar diferente era esse que não tinha nome pomposo de “Senhores” desconhecidos? Alguns anos após (1959), duas ruas tiveram seus nomes alterados. A Rua Paulo Bento Lobato²⁰ veio em substituição à Rua Mexicale e a Rua Comandante Gustavo Cramer²¹ (que se identificava como a rua do clube) - em substituição a via que nasceu como Tegucigalpa. Ambas receberam nova denominação pela Lei Ordinária Municipal 2022 de 07/12/1959 (PORTO ALEGRE, 1959, documento eletrônico), data em que o bairro foi oficialmente criado e delimitado pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre, apesar de já existir desde o início de 1950.

Este ambiente era um “lugorzinho” diferente, tranquilo e acolhedor como uma cidadezinha do interior. Descampado, horizonte infinito - onde o olhar se perdia em busca de “civilização à vista”, que não havia ao alcance do olhar. Lefebvre (1975) é o autor que se aproxima do conceito de bairro aqui comentado “O bairro é uma pura e simples sobrevivência. [...] É ele o maior dos pequenos grupos sociais e a menor dos grandes. A proximidade no espaço e no tempo substituem as distâncias sociais, espaciais e temporais”. (p. 201)

Os primeiros contatos entre os moradores e a organização do bairro, desenvolveram naquele local um sentimento de querer estar junto aos habitantes, onde se cultivaram laços que ainda estão entremeados das memórias.

18 Mexicale é a capital do Estado da Baixa Califórnia no México. Fundada em 1903, sendo seu nome uma combinação das palavras México e Califórnia. Tem cerca de 862 mil habitantes. A cidade é chamada “a cidade que capturou o sol” devido às altas temperaturas e tem clima desértico.

19 Tenente-Coronel Francelino Cordeiro – foi um dos presidentes do Grêmio Gaúcho, um clube de inspiração militarista, localizado no bairro Medianeira.

20 Paulo Bento Lobato – Advogado e Consultor Jurídico do Estado do Rio Grande do Sul.

21 Gustavo Ernesto de Carvalho Cramer, nasceu em 1911 em Rio Grande. Dedicou-se a aviação, galgando todos os escalões da aviação comercial.

O urbanista norte-americano do início do século passado, Lynch (1960), que deixou importantes contribuições ao estudo do planejamento urbano, identificou os bairros como “[...] regiões médias ou grandes de uma cidade, concebidos como dotados de uma extensão bidimensional, reconhecíveis por possuírem características comuns que os identificam.” (p. 58). Além de chamar a atenção para o surgimento de sentimento de pertencimento, de sentido de lugar, que permitiria às pessoas apropriarem-se desse ambiente e impregná-lo de seus próprios significados e relações.

2 MEMÓRIAS DE BAIRROS

Pierre Nora (1993) argumenta que memória e história não são sinônimas e que as mesmas se opõem em tudo “[...] A memória seria aquilo vivido e sua reconstrução intelectual seria a história”. Para ele, aquilo que hoje chamamos de memória é, na verdade, história” (p.7).

Entende-se aqui que toda memória contribui para a construção de uma história e se manifesta de variadas maneiras: através de fatos, lembranças individuais, de pessoas, datas, acontecimentos, regiões, etc., sendo uma prática comum entre todos e mais diversos grupos humanos.

Lefebvre foi um dos autores que dedicou grande parcela de seus estudos aos espaços sociais urbanos. Sua contribuição para a geografia foi profunda, pois toda a teoria atual desta disciplina se deve à tese de que o espaço é social, ou seja, é socialmente produzido. Sua tríade teórica: espaço vivido - percebido - concebido inspirou grandes nomes da geografia contemporânea, como o brasileiro Milton Santos.

Desde os geógrafos como Santos (2006) que declara: “Assim o lugar também pode ser concebido enquanto memória, pois com a mobilidade, o lugar se torna como quadros de vida.” (p.212). Tal como para os clássicos do assunto: Nora (1993), pra quem “A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente” (p.9); ou Pomian (2000) quando destaca que “Toda a “memória” é em primeiro lugar uma faculdade de conservar os vestígios do que pertence já em si a uma época passada” (p.507); e ainda Le Goff (1990) que aponta alguns elementos importantes para o estudo da memória e insere o caráter de identidade como fundamental para conceituá-la, como algo a ser conquistado, construído: “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje” (p.476).

2.1 Primeiros moradores e suas residências

Os primeiros moradores chegaram ao loteamento Jardim Lindóia, no início dos anos de 1950. Muitos foram morar no bairro devido à transferência de suas indústrias ou empresas do 4º Distrito para a zona Norte. Sabe-se o ano exato em que foram morar no Lindóia, apenas, daqueles moradores iniciais ou descendentes. O bairro crescia mesmo com muito a ser implantado, como o calçamento de suas ruas. Algumas residências, construídas ao redor da praça, aguardavam o calçamento de paralelepípedo.

Sousa aponta como o bairro é importante para além da sua estrutura

[...] além de determinado território, o bairro se caracteriza por um segundo elemento, o “sentimento de localidade” existente nos seus moradores, e cuja formação depende não apenas da posição geográfica, mas também do intercâmbio entre as famílias e as pessoas, vestindo por assim dizer o esqueleto topográfico. (SOUSA, 1987, p. 57)

As primeiras moradias que, possivelmente, são mais de vinte se conservam, quase todas, iguais ao tempo em que foram construídas, algumas somente com poucos acréscimos ou fechamento, para adaptação de garagem lateral, por exemplo.

Pela observação das casas hoje, deduz-se que a construtora predominante, possuía um padrão construtivo de qualidade. Em geral, a planta baixa era a mesma, com a escolha de dois ou três dormitórios e variações na cobertura. A grande maioria possuía jardim e área lateral. Nestas, as garagens eram separadas do corpo da moradia, ficando localizadas ao fundo do terreno juntamente com outro dormitório e sanitário.

Os elementos físicos e os laços afetivos estão intimamente ligados à população do bairro, relata Sousa (1987), o que se representa nas lembranças dos que habitaram o local expressando momentos compartilhados e vivências.

2.2 O Lindoia Tênis Clube

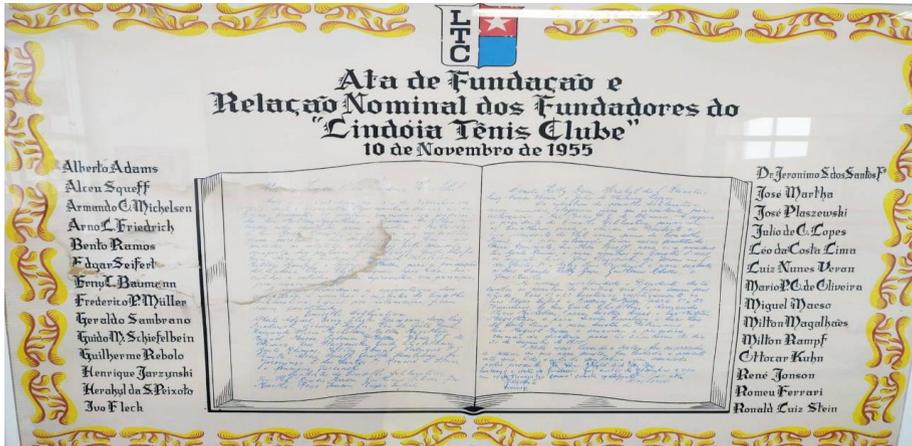
Eram muitos os pontos de encontro do grupo de moradores do Lindóia. Às vezes o pessoal se reunia sob uma das figueiras que ficava na Avenida Panamericana - lá havia um “campinho” de futebol - ou na da Travessa Antilhas. Outras vezes, o grupo se reunia na calçada do sobrado da esquina da Praça Libaneza com a Avenida Quito, onde ficava o armazém do “Seu Romeu” e que mais tarde veio a ser o do “Seu Alcides”, onde aconteciam os churrascos e as festas de São João.

Como as reuniões aconteciam em lugares diferentes, surgiu a necessidade por parte do grupo de um local onde pudessem reunir-se para confraternizar. Um lugar mais protegido das intempéries características da Região Sul do país, pois não era com qualquer tempo que os encontros poderiam acontecer ao ar livre. E onde pudesse haver mais atividades e a família toda pudesse usufruir.

Como narra Leite (1998) sobre esses laços entre as pessoas: “[...] essa relação de afetividade que os indivíduos desenvolvem com o lugar só ocorre em virtude de estes só se voltarem para ele munidos de interesses predeterminados, ou melhor, dotados de uma intencionalidade”. (p.10)

Em um dos memoráveis encontros do grupo, com vinte e oito pessoas presentes, desta vez na casa de Milton Magalhães, localizada na Travessa Antilhas nº 110, no dia 10 de novembro de 1955, foi instituída a Ata de Fundação e Relação Nominal dos Fundadores do Lindóia Tênis Clube (Imagem 4). Neste dia foi definida também, a diretoria responsável para levar adiante o projeto. Assim, a história do Clube se confunde com o próprio desenvolvimento do Bairro Jardim Lindóia.

Imagem 4 - Quadro emoldurado da Ata de Fundação do Lindóia Tênis Clube



Fonte: Arquivo Lindóia Tênis Clube

Para concretizar o sonho dos moradores, o caminho a percorrer seria árduo, a começar pela falta de um terreno onde construir o clube. Então, eis que entra em cena, mais uma vez, o empresário Arno Friedrich com a doação de uma área do loteamento para a construção do Clube.

Na imagem 5, o prédio do Lindóia Tênis Clube cuja construção foi finalizada em 1962.

Imagem 5 - Fachada do Prédio do Lindóia Tênis Clube



Fonte: Boletim Informativo de Lindóia Tênis Clube de 1962

Em poucos anos a comunidade do bairro se empenhou das mais variadas formas para viabilizar a construção da sede do clube. Foram festas juninas, gincanas e muitos chás beneficentes. Em seis anos, de 1957 à 1962, o clube foi construído. De acordo com Halbwachs (2006): “A lembrança é a sobrevivência do passado” (p.99). E, são lembranças dos moradores, que nos levam a compreender melhor como tudo se dava.

2.3 Reencontros

Muitas coisas mudaram desde os primeiros anos. O bairro cresceu. Outras ruas foram abertas e elas já não possuem nomes de cidades, surgiram edifícios, inclusive no lugar onde havia casas. Muitas residências tornaram-se pontos comerciais, como clínicas médicas ou casas geriátricas, academias de ginástica, salões de beleza, escolas de línguas, *pet shops*, etc, o que torna impossível conhecer todos os moradores do bairro como ocorria nos anos 1970.

No entanto, filhos e netos dos primeiros moradores e fundadores do bairro também continuaram morando por lá, e continuam se encontrando na primeira e principal praça criada no loteamento, a Praça Libaneza, para tomar chimarrão, fazer sua caminhada diária, levar seus filhos e netos para brincar ou andar de balanço e seus animais de estimação para passear.

Nestes tempos de internet e redes sociais, onde todos podem se encontrar virtualmente, não importa a distância, ocorreu a criação do grupo “Amigos do Lin”, na rede social Facebook, que tornou estes encontros mais frequentes e possíveis, com troca de fotografias antigas e muita participação.

A memória coletiva é sempre uma memória de grupo ao mesmo tempo em que as memórias individuais se formam a partir da relação com

o outro. E, que o mesmo ocorre com o espaço físico, desde o início e ao longo desta história, a Praça Libaneza esteve presente.

2.4 Passado e Presente de um típico bairro residencial

O bairro ampliou-se. Sua extensão aconteceu com o próprio desenvolvimento da cidade, da necessidade de urbanização e do crescimento populacional, além da alteração e adaptação geográfica de uma capital que se expande para os arredores e ajuda na formação de importantes municípios na Região Metropolitana.

Como se observa na imagem 6, os contornos são outros. Sua extensão já passou para aproximadamente 79 hectares, dos 76,8 iniciais e o número de suas ruas passaram de doze para em torno de 50.

Imagem 6 - Mapa atual do Bairro Jardim Lindóia



Fonte: Google Maps

No início da década de 1970, após ampliação da Avenida Panamericana para fazer a ligação com a Avenida Sertório, e em decorrência de mudanças no Plano Diretor de Porto Alegre, o bairro começa a sofrer alterações em sua tipologia arquitetônica. O espaço se altera e adapta-se aos novos tempos. Onde só havia casas térreas ou com dois pavimentos, em terrenos com recuos de jardim frontal, corredor lateral e em geral um amplo pátio, ocorrem demolições para a construção de edifícios. Para além de edifícios de três ou quatro pavimentos, surgem construções contando com cerca de 10 pavimentos.

Esta é uma constatação do que ocorreu nos bairros de cidades em geral e não só na periferia de Porto Alegre. Não há contrariedade, pois é necessário adaptação com estas várias mudanças, que ocorrem quando é preciso seguir outros rumos, quando o mundo mudou, quando aquele modelo de vida, de hábitos, de morar, não se adapta mais, em nome da segurança, das facilidades e do mercado imobiliário apesar de ter-se vivenciado outra realidade. Deve ser um sentimento de perda, que todos vivenciaram em algum momento por alguma coisa ou lugar e até do que se foi um dia.

No Jardim Lindóia, as primeiras mudanças ocorreram na Rua Caracas próximo à Rua Gustavo Cramer. Edifícios altos no lugar de grandes e antigas residências, mudanças no entorno da Praça Libaneza e ao longo da Avenida Panamericana, onde a grande maioria das residências foi transformada em casas comerciais. Algumas casas foram reformadas e ampliadas e outras foram demolidas para construção de uma nova residência maior e mais atual.

Outras residências, no entanto, principalmente nas vias que fazem a ligação entre a Avenida Assis Brasil com a Avenida Sertório e que possuem fluxo mais intenso de veículos e onde circula, também, transporte coletivo, estão sendo demolidas para a construção de estabelecimentos comerciais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos objetivos do presente artigo consistiu em recontar a história da formação do Bairro Jardim Lindóia, localizado a zona Norte de Porto Alegre, do início da década de 1950 até 1975, a partir das lembranças de alguns seus primeiros moradores. Para tanto, pesquisou-se também, os caminhos que levavam até o bairro, ou seja, o crescimento e desenvolvimento daquela região, a partir da Avenida Assis Brasil, devido à transferência e à implantação de várias indústrias originárias do 4º Distrito, no final da década de 1940.

A maioria de seus primeiros moradores já não se encontra com vida e houve contato com os filhos destes, que lá nasceram, ou foram morar nos seus primeiros anos de vida e lá cresceram. Destes contatos, resultaram encontros para conversar sobre as memórias do bairro, para ouvir suas lembranças. A narração de suas vivências foi rica, divertida, repleta de satisfação e sensibilidades em lembrar aqueles tempos vividos enquanto rememoravam e narravam suas histórias familiares com a consequência de se imbricar na memória coletiva.

A transformação urbana da localidade foi incentivada por sucessivos Planos Diretores, que permitiram a alteração dos contextos urbanos

consolidados e a demolição das antigas residências térreas para substituições por edifícios ou prédios comerciais, de diversificadas atividades: alimentares, saúde, imobiliárias, beleza, turismo, tudo vindo ao encontro do modo de vida da contemporaneidade - atarefado e de tempo exíguo.

A estrutura do bairro Jardim Lindóia configura-se por um traçado urbano regular implantado a partir do loteamento inicial. O uso dos primeiros lotes era, e ainda é, predominantemente, residencial. Atualmente, o bairro apresenta ocupação heterogênea, mesclando áreas com edificações baixas, geralmente de uso residencial ou adaptados para serviços, e edifícios de apartamentos residenciais.

No entanto, hoje já existem outras atividades incorporadas como comércio e serviços, pois os Planos Diretores classificam essas atividades como permitidas para o bairro. Pouco a pouco, a partir de 1975, quando se dá a abertura da Avenida Panamericana para ligação com a Avenida Sertório, antigas residências foram sendo demolidas e substituídas por edifícios multifamiliares. Inicialmente foram surgindo edifícios de até quatro pavimentos, numa escala compatível com as proporções do bairro, mas que agora chegam a dez pavimentos, muito diferente da proposta inicial.

Nestes quarenta e quatro anos, após 1975, as ruas internas e secundárias do bairro, sofreram algumas alterações funcionais e poucas alterações volumétricas, exceto a Rua Caracas que possui os edifícios mais altos do bairro. Já a Praça Libaneza e a Avenida Panamerica - vias com maior fluxo de veículos - tiveram as residências alteradas para colocação de letreiros e placas, pois sofreram maiores intervenções imobiliárias e transformações no espaço do entorno, em virtude de terem sido ou transformadas em pontos comerciais ou totalmente demolidas sendo substituídas por outros prédios comerciais.

Apesar deste eixo de grande fluxo de veículos, a partir das vias de ligação de outros bairros da capital na saída com Cachoeirinha, Gravataí e *Free-way*, ainda há ruas no bairro, que ficam entre as avenidas de passagem, que conservam seu silêncio e tranquilidade - valores importantes anteriormente - muito embora várias casas dessas ruas estejam desertas e abandonadas exibindo placas de venda.

Observa-se que se os sentimentos de pertencimento e identidade estivessem mais fortalecidos dentro das relações humanas ou físicas na comunidade, valores como respeito e cuidado com os espaços e equipamentos urbanos, também estariam mais presentes e talvez fosse possível os moradores se unirem por melhorias no bairro.

Há espaço para mais reflexões a serem feitas sobre o bairro, que nunca foi popular. Suas habitações nasceram em alvenaria e suas ruas cal-

çadas com paralelepípedos. O local não recebeu contingente de excluídos das estruturas sócio-econômicas, mas foi formado por trabalhadores, que no passado, para construí-lo tiveram que se unir e lutar por melhoramentos e reivindicar por infraestrutura.

A memória e a história, não estão apenas nos museus ou nos centros de referência, mas nas vivências e memórias das pessoas. O que preserva-se nos museus são os objetos, mas eles só são importantes se tiverem memórias associadas.

REFERÊNCIAS

- FERNANDES, A. C. *Cemitérios Industriais: Contribuição para análise espacial da metrópole de Porto Alegre - RS/BRASIL*. 2014. 207f. Tese (Doutorado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.
- GOOGLE MAPS - Mapa atual do bairro Lindóia. Disponível em: <https://www.google.com/maps/place/Jardim+Lindóia,+Porto+Alegre+-+RS,+91712-073/@-30.0042729,-51.1556366,16z/data=!3m1!4b1!4m5!3m4!1sox95197711d845426d:ox8a4c85d9c1a290dc!8m2!3d-30.0016887!4d-51.1506985>.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Ed. Centauro, 2006.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução Bernardo Leitão (et al.) Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1990 (Coleção Repertórios).
- LEFEBVRE, H. Barrio y vida de barrio. In: _____. *De lo rural a lo urbano*. 3. ed. Barcelona: Ediciones Península, 1975, p. 195-203.
- LEITE, A. F. O Lugar: Duas Acepções Geográficas. In: *Anuário do Instituto de Geociências - UFRJ*, Rio de Jnaeiro, v. 21, p.9-20, 1998.
- LINDOIA TÊNIS CLUBE. *Boletim Informativo*. Porto Alegre, 1962.
- LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. Lisboa: Edições 70, 1960.
- MIRANDA, A. E. *Planos e projetos de expansão urbana industriais e operários em Porto Alegre (1935-1961)*. 2013. 373f. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2013.
- NORA, Pierre. Entre a História e a Memória: A problemática dos lugares. In: *Revista Projeto História*. São Paulo, v.10, p.7-28, 1993.
- PORTO ALEGRE (RS). Lei nº 92/1948. Dá denominação a vias públicas. Porto Alegre: Prefeitura Municipal, 1948.

- Disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/cgi-bin/nph-br-s?s1=000013824.DOCN.&l=20&u=/netahtml/sirel/simple.html&p=1&r=1&f=G&d=ato s&SECT1=TEXT>. Acesso em: 11 jun. 2019.
- POMIAN, Krzysztof. *Memória*. Enciclopédia Einaudi. Lisboa, Imprensa Nacional, Casa da Moeda, V.42 (Sistemática), p. 507-516, 2000.
- PORTO ALEGRE ANTIGO (BLOG). [Fotografia da Av. Assis Brasil - 1959]. 2013. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/fotosantigas-rs/11012679385/>. Acesso: 20 set 2018.
- SANTOS, M. *A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção*- 4ª Ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2006.
- SOUSA, Antonio C. M. Os tipos de povoamento. In: *Os parceiros do Rio Bonito*. São Paulo: Duas Cidades, 1987.
- TEIXEIRA, Thomás Nery da Silva. *Centralidade da Avenida Assis Brasil: um estudo sobre a espacialização técnica ao longo do tempo na construção do espaço urbano*. 2017. 144f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

Submetido em 14/02/2022

Aceito em 27/08/2022